

AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES GUINEENSES NAS OBRAS *ETERNA PAIXÃO* E *A ÚLTIMA TRAGÉDIA*, DE ABDULAI SILA

Luciene Rocha dos Santos Cruz

Orientadora: Renata Flavia da Silva

Teses ou dissertações recentes

RESUMO: A presente pesquisa teve o objetivo de detectar e analisar as representações das mulheres guineenses, observadas através de duas obras do escritor Abdulai Sila: *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006), tentando identificar, nessas representações, se as personagens femininas Ndani, Ruth e Mbubi apresentam ou não os traços propostos pelo *Africana Womanism*, teoria feminista africana defendida por Hudson-Weems (1993). De acordo com a pesquisadora, essa ideologia foi criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana, uma vez que se baseia exclusivamente nas diferentes culturas africanas e, por isso, necessariamente, incide sobre as experiências únicas de luta, de necessidades e dos desejos das mulheres desse continente. Além dessa teoria, como fundamentação teórica, esta pesquisa irá se basear, principalmente, nos estudos feministas africanos, pautando-se também nas análises de Catherine Acholonu (1995), Chikwenye Okonjo Ogunyemi (1988), Molaria Ogundipe-Leslie (1994) e Obioma Nnaemeka (2004). Também se fez necessário apresentar um pequeno panorama de como vivem as mulheres guineenses na atualidade, assinalando seu contexto social e abordando questões como o trabalho, a família, o casamento, a maternidade, a participação no processo de independência do país, a proteção social, a participação política, a educação e a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Guineense; Representações das Mulheres Guineenses; Feminismos Africanos.

É sabido e indiscutível que existe uma gama de estudos de gênero que se dedicam a entender a representação da mulher no mundo ocidental, principalmente no que tange a questões culturais, sociais e psicológicas. De acordo com Butler (2014), desde a segunda metade do século XX, questões sobre a identidade feminina têm sido trazidas à pauta, no intuito de se discutir como a mulher é vista mediante a sociedade em que vive. Contudo, a maioria dos estudos sobre a identidade feminina, segundo Haraway (2004), está relacionada a mulheres americanas (brancas) e europeias, e, por isso, apresentavam “tendências

etnocêntricas e imperialistas” (HARAWAY, 2004, p.10). Desse modo, generalizar e expandir essas análises a todas as mulheres é um erro, posto que a identidade feminina muda de acordo com a realidade em que se vive. Isso quer dizer que, por exemplo, a realidade da mulher europeia (não colonizada e não negra) é, na maioria das vezes, diferente da mulher africana, já que esta, além de ser mulher e negra, também foi colonizada.

Entretanto, ainda de acordo com Haraway (2004), a partir dos anos 80, começa a haver uma mudança. Inicia-se uma produção teórica feminista em diversas outras culturas, não somente a americana (branca) e europeia, tendo como exemplos, os estudos de Spivak (2010), que analisam a realidade da mulher e da cultura indiana; os estudos de Lucía Guerra (1995), que traçam a história cultural da identidade feminina na América do Sul; as pesquisas de Alice Walker (1983), de Hazel Carby (1987) e de Angela Davis (2013), representando as mulheres negras americanas; e Cleonora Hudson-Weems (1993) que, apesar de ser americana, traz a ideologia do *Africana Womanism* (baseada na cultura africana e, portanto, necessariamente se concentra nas experiências únicas de luta, de necessidade e dos desejos das mulheres locais, tanto na diáspora quanto no próprio continente africano). Esses exemplos são uma tentativa de incluir diferentes realidades culturais, desestruturando os cânones do feminismo ocidental europeu-americano.

Segundo Bonnici (2012), citando Petersen (1995), no que tange às diferenças entre o feminismo ocidental e o feminismo africano, nota-se que há uma divergência entre as questões a serem discutidas: enquanto o feminismo ocidental preocupa-se com a questão da igualdade e emancipação da mulher, os estudos femininos africanos buscam mais a luta contra o neocolonialismo em seu aspecto cultural e resgate do passado. Dessa forma, ainda de acordo com Bonnici (2012), há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo, principalmente porque o objetivo desses dois discursos é o ajustamento da mulher marginalizada à sociedade, e, no caso das mulheres africanas, permitem que haja uma reflexão sobre sua realidade e seu lugar dentro da sociedade em que vivem.

Apesar de haver um avanço sobre os estudos feministas relacionados às mulheres de culturas diferentes da europeia e da americana, ainda são poucas as pesquisas a respeito das mulheres africanas. Em contrapartida, a literatura apresenta-se como um instrumento que retrata a vida e o cotidiano da mulher africana, auxiliando assim na compreensão dessa realidade. Portanto, partindo do pressuposto de que a literatura pode ser considerada como um produto de um processo histórico, conforme alega Gramsci (1985), ou seja, sendo ela capaz

de representar e descrever a realidade, podemos utilizá-la para compor um cenário da vida real. De acordo com Lukács (2000), é possível haver uma relação entre um romance e o contexto social no qual ele é escrito, visto que “as categorias estruturais do romance coincidem constitutivamente com a situação do mundo” (LUKÁCS, 2000, p. 96). Isso significa que a literatura consegue retratar a realidade na qual certa sociedade vive, descrevendo ou denunciando seus aspectos negativos ou positivos.

Assim, de acordo com Bonnici (2012), os escritores pós-coloniais, ao escreverem suas obras, aproveitam a oportunidade para refletir sobre a cultura e sobre o papel social e político dentro da ordem do mundo moderno, representando, assim, um “discurso das minorias”, conforme atesta Bhabha (1998). Nesse caso, voltamos a pensar na relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo, posto que, ao retratar a realidade de uma mulher em um romance, por exemplo, tem-se a oportunidade de desmitificar o discurso da homogeneidade, uma vez que não é possível tratar todas as africanas de forma equivalente (do mesmo modo que todo o continente africano não pode ser visto segundo os mesmos critérios, pois sua natureza histórica e cultural não o permite). Logo, tratar as mulheres africanas como indivíduos análogos é uma forma de lhes negar a sua singularidade e a sua heterogeneidade.

Partindo desse princípio, é interessante focarmos o nosso olhar na seguinte situação: o que é ser mulher e ser negra na Guiné-Bissau colonial e pós-colonial? Para responder a essa pergunta, teremos como alicerce as diferentes vertentes das teorias feministas, ocidental e africana, a fim de compreendermos por que as mulheres negras se separaram do movimento feminista ocidental; assim como analisaremos a insistência das feministas africanas em se automearem e criarem o seu próprio feminismo (nas suas mais diferentes correntes), para que este se adequasse à sua realidade.

Averiguadas essas questões, o objetivo principal da presente pesquisa foi detectar e analisar os aspectos da representação da mulher guineense, observados através de duas obras do escritor guineense Abdulai Sila: *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006), tentando identificar nessas representações se as personagens apresentam ou não traços propostos pelo *Africana Womanism*, teoria feminista africana defendida por Hudson-Weems (1993). Segundo esta teórica, trata-se de uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de ascendência africana, uma vez que se baseia exclusivamente na cultura africana e, por isso, necessariamente incide sobre as experiências únicas de luta, de necessidades e dos desejos das mulheres africanas. Assim, os preceitos desse feminismo são baseados na

cosmologia africana e seu principal diferencial das vertentes do feminismo ocidental seria estar centrado na família, enquanto os feminismos ocidentais estariam centrados na mulher. Deste modo, poderíamos afirmar que suas prioridades seriam a raça, o gênero e a classe, enquanto os feminismos ocidentais se concentrariam predominantemente na questão do gênero. Assim, o *Africana Womanism* presaria pelo empoderamento da raça, enquanto os feminismos ocidentais lutariam, sobretudo, pela emancipação da mulher.

No que tange especificamente às personagens femininas que foram analisadas nesta pesquisa, Ruth e Mbubi, de *Eterna Paixão* (2002) e Ndani, de *A Última Tragédia* (2006), percebemos se tais representações simbolizam a imagem da mulher africana, colonizada, submissa, ou se seus comportamentos não corroboraram essa concepção. Vale destacar que estas personagens conciliam a herança e/ou a influência da cultura portuguesa (sendo imposta, absorvida naturalmente ou por livre escolha) com suas raízes africanas e, assim, na mescla dessas duas culturas, teríamos uma “nova africana guineense”: aquela que não está presa totalmente na sua cultura ancestral porque absorveu características da cultura portuguesa, assim como foi capaz de abandonar alguns traços da sua cultura autóctone, posto que esta já não se encaixa mais na sua atual conjectura de vida.

Hudson-Weems criou o termo *Africana Womanism* ao perceber a inadequação do feminismo ocidental, ou do próprio feminismo negro, em apreender a realidade das mulheres africanas. Segundo a autora, os problemas com a adoção do feminismo ocidental por mulheres africanas têm duas vertentes: uma delas é que ele é fundamentalmente um fenômeno ocidental e, como tal, está carregado de princípios que abrangem somente as questões das mulheres brancas americanas e europeias, tais como a relação conflituosa entre os gêneros, principalmente no que diz respeito a enxergar os homens como inimigos. A outra vertente está relacionada com o fato de que o feminismo, tal como se desenvolveu, não teve um olhar para as demais mulheres. Por esses motivos, afirma Hudson-Weems, o feminismo ocidental, seja qual for sua vertente, não reflete nem pode refletir as crenças ou interesses das mulheres africanas. E a mesma opinião se reflete em relação ao feminismo negro, uma vez que ele é originado do feminismo ocidental e, por isso, também não consegue atender às preocupações das mulheres africanas. Assim, uma das principais questões que difere os feminismos ocidentais dos feminismos africanos é que as mulheres africanas não percebem os homens como inimigos e não querem afastar-se de sua cultura autóctone.

Partindo desse princípio, Hudson-Weems distingue sua teoria de outros discursos feministas adotando, os seguintes atributos: 1) autodefinição; 2) automeação; 3) a centralidade na família; 4) uma genuína irmandade entre as mulheres; 5) fortaleza; 6) colaboração com os homens na luta de emancipação; 7) unidade; 8) autenticidade; 9) flexibilidade de papéis; 10) respeito; 11) reconhecimento pelo outro; 12) espiritualidade; 13) compatibilidade com o homem; 14) respeito pelos mais velhos; 15) adaptabilidade; 16) ambição; 17) maternidade e 18) sustento dos filhos. Assim, tentamos identificar nas personagens femininas das obras *A Última Tragédia* (2006) e *Eterna Paixão* (2002) se algumas dessas características se destacam ou não, através das representações elencadas e por qual motivo. Chegamos às seguintes conclusões:

Um dos primeiros aspectos a serem observados na análise de *A Última Tragédia* (2006) é o fato de que Ndani, vivendo em um contexto colonial, e que a princípio deveria estar mais atrelada à sua cultura autóctone, mostra-se não satisfeita com a sua realidade enquanto pertencente ao grupo social da aldeia de Biombo. Por isso, questiona as profecias de uma pessoa mais velha (*Djambakus*), optando por abandonar sua aldeia e sua cultura e concluindo que o mundo dos brancos é melhor do que seu mundo. Somente no que tange à religião, Ndani mantém-se firme à sua cultura. Essas atitudes não coadunam com os preceitos do *Africana Womanism*, uma vez que o respeito aos mais velhos e o apego à sua cultura são essenciais para

as africanas que seguem essa teoria. Outro fator que se destaca é a questão da maternidade, tão singular para essa teoria e não muito ressaltada no romance, posto que temos a impressão de que, para Ndani, o fato de trabalhar como costureira lhe é mais prazeroso do que a maternidade. Contudo, a protagonista encontra ajuda da Grande-mulher para criar seus filhos e mostra-se disposta a colaborar com outras mulheres para que elas tenham a sua emancipação financeira e esse fator mostra a importância da irmandade entre as mulheres, uma vez que uma ajuda a outra.

Outro tema que também é significativo ao *Africana Womanism* é a compatibilidade com os homens e esse atributo é destacado na obra. Ndani e o Professor desejam uma vida juntos, lutam por seus objetivos em conjunto e, até no momento mais difícil de suas vidas, quando ele é acusado injustamente, julgado e condenado, Ndani não o abandona. Todo o infortúnio ocorrido com o Professor é decorrente de uma questão racial, e sua mulher não desiste dele em nenhum momento. Esse episódio valida a premissa da compatibilidade com os

homens, uma vez que a questão do feminismo africano tem que girar em torno das questões raciais e, por isso, homens e mulheres devem se unir para combater esse mal.

No que tange às questões relacionadas à questão da autodefinição e da automeleção, também se constata que essas peculiaridades não estão presentes na forma como a personagem Ndani é representada. Ao mudarem seu nome para Daniela e ter sua individualidade apagada, quando é obrigada a mudar seu penteado, suas roupas e sua postura, (características essas que remetiam à sua cultura autóctone) a personagem tem aniquilada sua identidade e apagada a sua história.

Já no que se refere à obra *Eterna Paixão* (2002), somente uma das personagens, Mbubi, se encaixa nos “padrões” estabelecidos pelo *Africana Womanism*. Apesar de viver em um novo contexto político, a vida dessa personagem não é alterada, posto que ela continua a viver na pobreza e transita entre dois mundos: o capitalista ocidental (vivido pelos seus padrões) e o mundo das suas tradições autóctones. Assim, por se manter fiel à sua cultura, as atitudes de Mbubi coadunam com o *Africana Womanism*, uma vez que essa teoria defende o resgate aos legados culturais. Logo, ao abrir mão de seu emprego para participar de uma cerimônia religiosa, e se manter centrada em sua família – dando valor à maternidade e à criação de seus filhos – a protagonista defende os valores destacados por Hudson-Weems e pode ser considerada uma feminista.

Entretanto, nos chama a atenção a forma como a personagem Ruth é representada. A esposa de Daniel estudou nos Estados Unidos e, ao voltar à África, se corrompe, realizando atos ilícitos em troca de poder e dinheiro. Além disso, rende-se aos padrões capitalistas, não se identificando mais com a sua cultura africana e adota uma postura totalmente ocidentalizada. Logo, Ruth não apresenta em suas atitudes nenhum aspecto que corresponda aos preceitos propostos pelo *Africana Womanism*. Assim, nos questionamos: ao elaborar sua tese, se Hudson-Weems não leva em consideração que as africanas podem ter influência, de uma forma ou de outra, dos padrões ocidentais. Assim, no caso de Ruth, seu estilo de vida e suas atitudes – independência financeira, delegar aos outros a criação de seu filho e abrir mão de sua família – seriam comportamentos que estão mais atrelados ao que defende o feminismo ocidental radical. Se nos basearmos nas condições em que vivem a maioria das guineenses, o caso dessa personagem seria uma exceção, uma vez que poucas mulheres africanas levariam essa vida. Contudo, é possível prever que nem todas as mulheres africanas ainda se mantêm intactas com relação à influência ocidental e capitalista, posto que, conforme atesta Hall

(2001), os países pobres e de Terceiro Mundo vivem uma “homogeneização cultural”. Portanto, uma vez que se tem acesso ao mundo globalizado, se é confrontado por uma gama de diferentes identidades, cada uma delas fazendo apelos a diferentes partes de nós, possibilitando fazer escolhas. E, no caso de Ruth, esta escolheu afastar-se de suas origens.

A partir desse apanhado, conclui-se que a forma como as personagens Ndani e Ruth são representadas na diegese afasta-se do que Hudson-Weems propõe como atitudes feministas. Ora, se ao lermos os textos, temos a impressão de que as personagens são emancipadas, uma vez que tentam, a todo custo, mudar o seu destino e agir conforme a sua consciência, mas por que elas não são consideradas feministas? Para tentar responder essa questão, levantamos algumas hipóteses. Uma delas está relacionada com a questão da autoria, posto que, apesar de nos basearmos, conforme atesta Richard (2002), no fato de termos uma escrita masculina não influi na sua percepção de descrever ou representar o universo feminino e suas demandas, há possibilidade do autor não ter conhecimento sobre as características propostas pelos feminismos africanos, já que eles ainda são pouco difundidos na África. Esta é uma proposição que deve ser considerada, uma vez que é necessário ter domínio sobre um determinado assunto para poder falar sobre ele.

A segunda hipótese estaria relacionada com a questão da diferença entre as mulheres africanas, no que se refere ao seu lugar de origem e etnias. Deduzimos que, pelo fato da maioria das feministas africanas serem nigerianas, de terem sofrido influência de uma colonização inglesa, e de fazerem parte de etnias distintas às da Guiné-Bissau, pode justificar a forma como as teorias feministas africanas foram pensadas. Este fato corrobora a ideia de que mulheres africanas não são indivíduos análogos e, por isso, uma teoria, por ser africana, não necessariamente tem que dar conta de todas as mulheres. Isso seria uma forma de lhes negar a sua singularidade e a sua heterogeneidade.

Questionamos também sobre o fato de as feministas africanas não levarem em consideração a influência do Capitalismo no dia a dia das mulheres. A nosso ver, isto parece inviável, uma vez que essa é uma das heranças mais fortes deixadas pelo colonialismo e, inclusive, é o sistema econômico e social que gere a maioria dos países africanos, como é o caso da Guiné-Bissau, não sendo possível ignorá-lo. Logo, o fato das feministas africanas não levarem tal aspecto em consideração indica uma rejeição à contemporaneidade.

Por último, também podemos supor que Sila tem consciência da forma que representa suas personagens e, as distanciando do modelo proposto pelos feminismos



africanos (em especial, do Africana Womanism) está fazendo uma denúncia sobre os males do colonialismo. Assim, no caso de Ruth, o autor evidencia um julgamento moral, uma vez que o contato com o Mundo Ocidental a corrompeu e, no caso de Ndani, o afastamento de suas origens corresponderia à forma como esta fora seduzida e enganada pelo colonialismo. Sendo Mbubi, então, aquela que segue os padrões estabelecidos pelos femininos africanos e a única a ter um “final feliz”.

REFERÊNCIAS

- ACHONOLU, C. O. *Motherism: An Afro-Centric Alternative to Feminism*. Owerri: Afa Publications, 1995.
- AIDOO, A.A. To Be an African Woman Writer—an Overview and a Detail. In Petersen, Kirsten Holst (Ed.). Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies, 1988.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- APPIAH, K.A. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- APTHEKER, Bettina. *Strong is what we make each the others: unlearning racism within women's studies*. *Women's Studies Quarterly*, 1:4 (winter), 1981.
- ARNDT, S. *The Dynamics of African Feminism. Defining and Classifying African Feminist Literatures*. Africa World Press: Trenton, 2002.
- AUGEL, Moema Parente. *A Nova literatura da Guiné-Bissau*. Bissau: INEP, 1998.
- _____. *O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da GuinéBissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BISPO, Erica Cristina. *Eternos descompassos... Faces do trágico em Abdulai Sila*. (2013). 197p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- _____. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2012.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.



CARBY, Hazel. *Reconstructing Womanhood: the emergence of the afro-american woman novelist*. New York: Oxford University Press, 1987

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *Cultura e representação*. Tradução Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Tradução de Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, v.1, 1982.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Madrid: Cátedra, 1995.

_____. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, Jan./Jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100009&script=sci_arttext Acesso em 14/12/2016.

HARDING, Sandra. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. Estudos Feministas. Florianópolis, Vol.1 N.1, 1993.

HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South end Press, 1984.

HUDSON-WEEMS, Cleonora. *Africana Womanism: Reclaiming Ourselves*. Michigan: Bedford Publishers, Incorporated, 1993.

_____. Mulherismo Africano e a necessidade crítica do pensamento pela teoria africana. *The Journal Ocidental de estudos Negros*, 21,2. P.79-84, 1997. Disponível em: file:///C:/Users/lucie_000/Downloads/Cleonora%20Hudson%20%20Mulherismo%20African%20e%20a%20necessidade%20cr%C3%ADtica%20do%20pensamento%20pela%20a%20teoria%20africana.pdf Acesso em 13/01/17

_____. *Africana Womanism – O outro lado da moeda*. Trad. Naiana Sundjata. 2012. Disponível em: <https://quilombouniapp.wordpress.com/2012/03/22/africana-womanism-outro-lado-da-moeda/> Acesso em 15/01/2017

ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual: O imaginário e os conceitos-chaves da época. In: *Teoria da Literatura em suas fontes*. Volume 2. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

OGUNDIPE-LESLIE. Molar. *Recreating Ourselves*. Trenton: Africa WorldPress, 1994.



OGUNYEMI, C.O. *Women and Nigeria in Literatura: perspective on nigerian literature*. Lagos: Evaridian Books, 1988.

SEMEDO, Odete. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literaturas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILA, Abdulai. Eterna Paixão. In: *Mistida* (trilogia). Praia -Mindelo: Centro Cultural Português, 2002.

_____. *A Última Tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SIMPSON, Catherine. Simpson. Feminism and American Culture. *Dialogue* 53. N.3 1985, p. 65-68.

SMITH, Barbara. Racism and women's studies. In: Nelson, C.; GROSSBERG, L. *Marxism and the interpretation of culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1998, p. 271-313.

SPIVAK. Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.